



São Paulo, junho de 2021

1º MAPEAMENTO
DE PESSOAS
TRANS



DA CIDADE
DE SÃO PAULO

Discussão dos resultados finais da pesquisa







objetivo

Coletar e analisar informações sociodemográficas sobre pessoas trans residentes na cidade de São Paulo e aprofundar a compreensão sobre identidade de gênero, situações de violência, acesso e permanência no trabalho, acesso à saúde, de forma a gerar subsídios para a elaboração e aperfeiçoamento de políticas públicas que atendam as demandas e necessidades desta população.

metodologia

FASE 1 - SURVEY COM COLETA DE DADOS FEITA DE MODO PRESENCIAL E POR TELEFONE
INSTRUMENTO: QUESTIONÁRIO ESTRUTURADO COM 53 QUESTÕES

Realização entre os dias 20 de janeiro e 28 de outubro de 2020.

Total: 1.788 casos

*Travestis = 384 (22%);
Mulheres Trans = 862 (48%);
Homens Trans = 432 (24%);
Pessoas Não Binárias = 104 (6%);
Sem resposta = 6 (0,3%)

metodologia

FASE 2 - ENTREVISTAS QUALITATIVAS DE TIPO SEMIESTRUTURADO INSTRUMENTO: ROTEIROS DE ENTREVISTAS COM PERGUNTAS ABERTAS

29 entrevistas realizadas entre dezembro de 2020 e março de 2021

Duração entre 1 e 2 horas pelos aplicativos de videoconferência *Collaborate* e *Google Meet*

3 perfis: pessoas que compuseram a equipe de pesquisa na Fase 1; pessoas que participam ou participaram da estruturação da política pública para a população trans; pessoas trans que compartilharam suas trajetórias de vida.

* Travestis = 6;

Mulheres Trans = 14;

Homens Trans = 5;

Pessoas Não Binárias = 2;

Pessoas Cis Gênero = 2



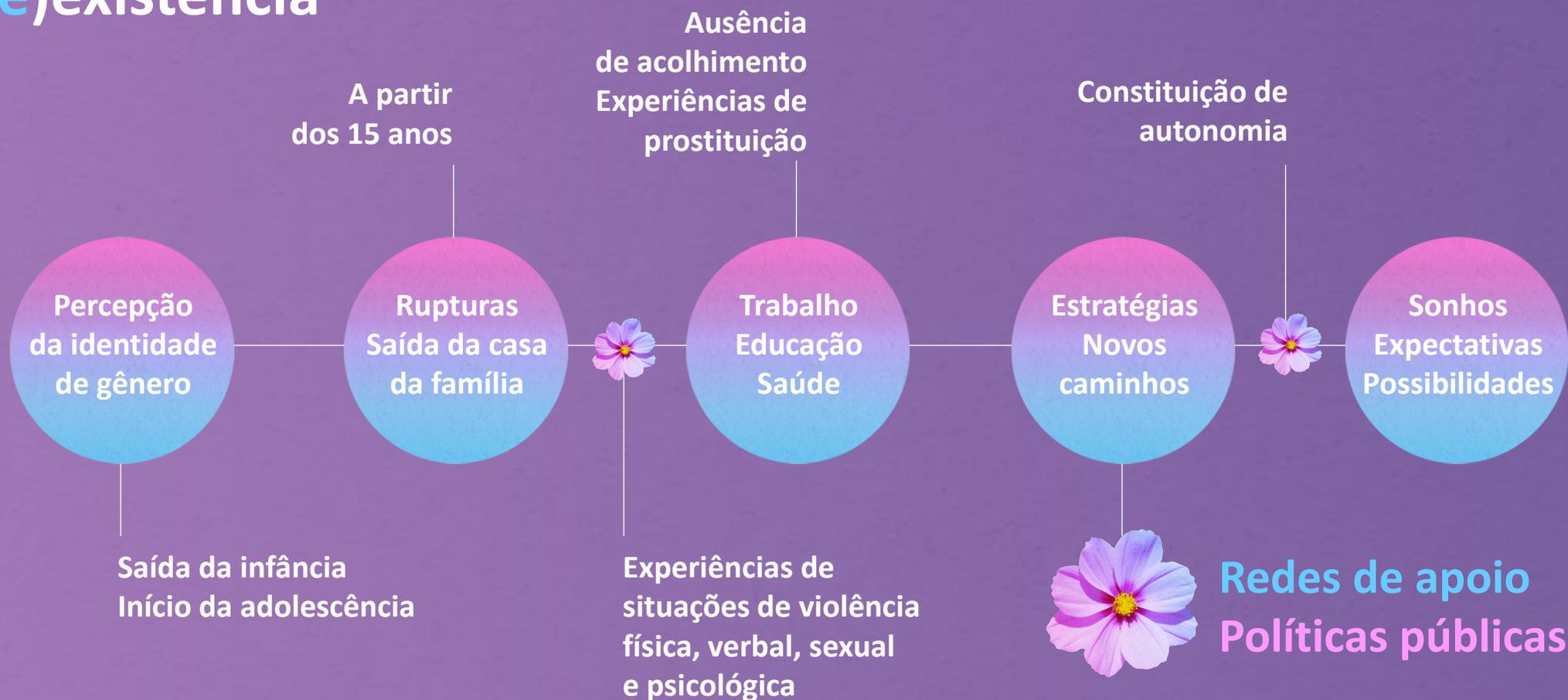
“

Eu só não queria mais que eles roubassem os meus sonhos. Que a cisgeneridade não roubasse mais nenhum dos meus sonhos, porque é isso o que fazem com a gente, né? Tiram os nossos sonhos.

”

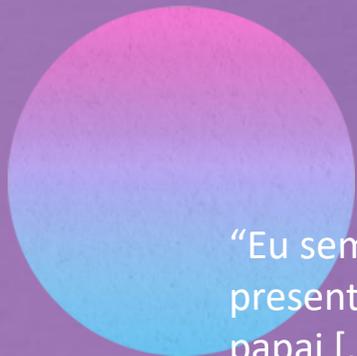
(mulher trans)

Trajетórias de existência e (re)existência



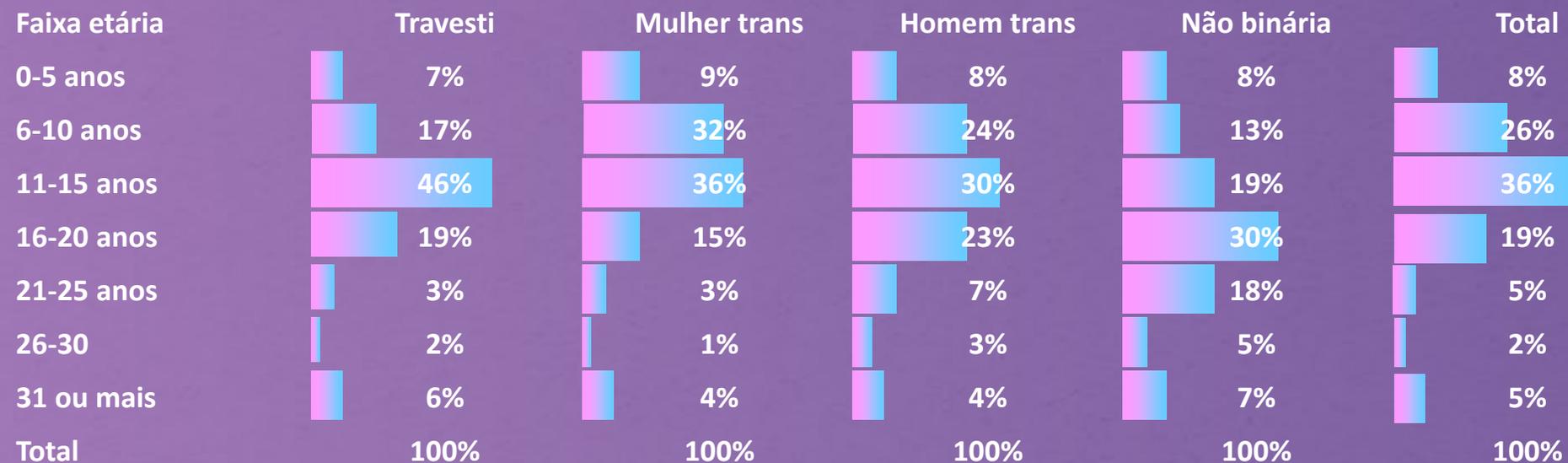
Travesti: 34 anos | Mulher trans: 33 anos | Homem trans: 27 anos | Não-binária: 26 anos

Percepções da identidade de gênero



“Eu sempre me achei um menino, desde criança [...] vivia brincando com os meninos, não gostava dos presentes de menina [...] Chutava muita bola, soltava pipa, brincava de casinha, só se eu pudesse ser o papai [...] a minha infância foi de menino [...] Minha mãe brigava, porque quando eu jogava futebol, tinha que tirar a camiseta [...] A questão começou a pegar, na adolescência [...] começaram a surgir menstruação, mamas e, aí, começou o problema com a minha família, porque não era mais possível eu fazer as coisas de ‘menino’. Minha família achava que não era certo. Eu falo de adolescência, mas eu tinha 10 anos, 12 anos de idade!” **(Homem trans)**.

Idade em que deixou **se** identificar com o sexo fisiológico?



Fonte: Pesquisa “Mapeamento de Pessoas Trans na cidade de São Paulo” – Cedec, 2021.

A escola não é **um** lugar seguro

[...] já com o (nome social), na escola a professora usa o nome social, na chamada, mas me chama de “ela” “Então, como a amiga de vocês falou, como ela falou...” - Sendo que lá, o meu nome é de menino. O que está identificando que eu sou “Ela”? São pequenos traços que ainda ficam marcados na gente. [...] Às vezes, é um trejeito, um hormônio que ainda não fez totalmente efeito... [...], e aí, eles percebem que a gente tem algo de feminino e querem te cutucar [...]. **(Homem Trans)**.

Violência física (19%)**

Violência verbal (23%)*

Em torno de 1990, a escola abria aos fins de semana pra jogar bola na quadra e eu ia com os meninos; teve um sábado que meus amigos não foram, fiquei lá, tinha uns meninos jogando; fui usar o banheiro masculino, nunca tive problemas! – [...] Mas, neste dia, quando entrei no banheiro tinha 3 meninos lá e eles me bateram muito, me estupraram de todas as formas possíveis dizendo que eu tinha que aprender a ser menina. [...] - E aí, dessa violência, eu fiquei grávido, né? Tenho uma filha de 29 anos que é a B. - Então essa foi a pior violência que eu sofri nessa época. **(Homem trans)**

**Contra mulher trans*

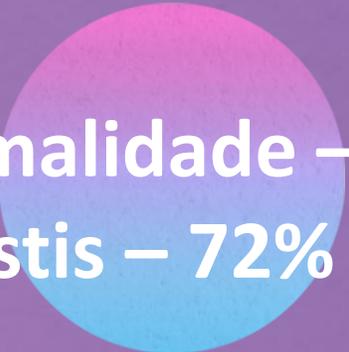
***Contra mulher trans*

Fonte: Pesquisa “Mapeamento de Pessoas Trans na cidade de São Paulo” – Cedec, 2021.



Mercado de trabalho: síntese de múltiplas violências

Aí você não consegue um trabalho de qualificação porque não terminou o seu estudo. - E para nós pessoas trans, a gente tem que ser o triplo melhor, né? Para poder trabalhar em algum lugar, entendeu? **(Homem Trans)**



Informalidade – 58%
Travestis – 72%

Escolaridade média
Ensino médio completo
(37%)

(...) Fui arrumar um emprego de Telemarketing, passei em todos os testes, tudo. Mas, quando ela viu que eu não tinha retificado o nome, me disse: – “Sinto muito, mas a gente não vai poder te contratar. Quando você conseguir retificar o seu nome, você volta aqui. Se for contratada, você vai ter que usar o nome que você nasceu, sendo que você tem voz feminina... Como vai ser uma voz feminina usando um nome masculino?” – Foi uma coisa que me marcou muito, foi degradante(...) É um preconceito. **(Mulher Trans)**

Prostituição: saída para o trabalho e entrada **para** a violência

Comecei porque eu estava procurando serviço, a minha avó estava com dificuldade, não tinha a quem recorrer e, do nada, sai para dar uma volta à noite e conheci uma pessoa que me ofereceu dinheiro. Não perguntou a minha idade e nada [13 anos]! Me ofereceu dinheiro para sair. Eu falei: “beleza! Vamos!” – Daí, daquele dia eu pensei comigo: “nossa, eu tenho uma chance de ganhar dinheiro.” (...) quando eu me vi encurralada em ajudar a minha avó, eu não tive escolha. Tinha 3 opções: deixa-la sem remédio, roubar, ou pedir para os outros. Procurei ajuda em alguns lugares, não consegui. Roubar não era o que eu queria. Então, se apareceu uma oportunidade que dá para viver, para ajudar minha avó – seja feito! – E comecei. **(Mulher Trans)**



46% da travestis tem a prostituição como ocupação principal

**1/4 das pessoas
entrevistadas realizaram
alguma cirurgia plástica**

**74% das entrevistadas
que se prostituem já
sofreram violência física**

(...) eu não fiz patrimônio na época (...) lá eu pensava em colocar meu peito, colocar meu silicone [...] Então eu não pensei. Como muitas colegas minhas, a gente pensa na vaidade - com certeza, a gente pensa na vaidade! Só que a gente não pensa no futuro (...) é uma febre que tem, que uma vai ficando mais bonita e - “ah, eu também quero ficar, eu quero ficar bonita também!” (...) Então a gente vai gastando dinheiro, trabalhando e fazendo cirurgias plásticas e final de semana sai e gasta ... **(Travesti)**

(...) uma vez eu fui com um cliente num lugar mais longe (escondido), e eu apanhei, porque ele queria transar sem camisinha e não aceitei [...] Então, onde não tinha muitas meninas, eu sempre ficava beirando a Avenida, que era onde passava movimento de carro e, qualquer coisa, eu ia embora. Eu tinha esses cuidados, de nunca pelas ruas a dentro, escuras, porque eu achava mais perigoso, era tudo fechado até pra correr ... **(Mulher Trans)**

A constante luta pelo acesso à saúde integral

[...] A gente não tem saúde integral [...] não tem respeito ao nome social [...] Eu quero, em todos os lugares, ter o mesmo atendimento de uma pessoa cisgênero. **(Mulher Trans)**

Descobri que estava com tuberculose [...] Estava num abrigo e tive que fazer exame [...] de pulmão, de tudo de HIV [...] Tinha 15 anos! Nunca tinha feito exame de HIV! O pneumologista, não sei o que tinha a ver com HIV, falou: “Você tá com HIV!” Eu saí da sala, correndo! Na época, HIV era “babado”! [...] não iniciei o tratamento, de início, fiquei muito tempo escondendo porque eu não tinha medo da doença, era medo do preconceito! Porque, maior que a doença, não é a doença e, sim, o preconceito [...] **(Travesti)**

**15% raramente ou
nunca vai ao médico**

Saúde e mudanças corporais

“[...] Você vai parar de menstruar! Você vai tomando, vai ganhando massa muscular, com o tempo vai nascer barba e tal. Eu falei: “Beleza”! Eu quero!” Não sabia nem o que era [...] entrei na academia [...] comecei a malhar, tomei três injeções, se não me engano, a cada 15 ou 20 dias [...] tomava 15 injeções [...] eu tinha um peso de 56kg/60kg, em questão de meses eu estava pesando 80kg[...] Um dia dormi e acordei me sentindo mal, senti uma dormência no lado direito, do lado esquerdo, não lembro! [...] procurei, no Posto de Saúde, um médico [...] ele falou [...] provavelmente, você teve algum pico de pressão alta, um princípio de derrame” **(Homem Trans)**

54% das pessoas que usam hormônio, fazem por conta própria

44% das travestis já utilizaram SLI

[...] quando o bombado, não dava certo, morria, e nem tinha direito a um enterro decente! [...] era enrolada em alguma coisa, depositada em algum lugar [...] o silicone industrial vem para mutilar e para acabar com muitas travestis [...] é uma forma também de acabar com essas “corpas”, porque também pode dar infecção generalizada, elas se automedicam, não têm tempo para fazer acompanhamento com endocrinologista; são vários processos que acabam com as nossas “corpas”, que mutilam e faz várias coisas, que é esse corpo que já nasce morto! Que a sociedade mata! **(Travesti)**

Estratégias e busca de **novos** caminhos

Não, eu parei. Eu parei, eu tô com a vida mais tranquila, parei porque tudo cansa também e eu quero... Quero, agora com 40 anos dar um outro rumo pra minha vida, por mais que se a gente pensar assim: “ah, salão foi fraco essa semana, eu tô precisando pagar minhas contas, eu vou ter que ir na rua dar uma voltinha, porque é o jeito”, se eu pensar dessa forma, eu vou chegar aos 100 anos dessa mesma forma, toda vida. Então eu agora me condicionei a pensar assim: “não, com o salão vai dar certo sim, pode estar fraco, mas um dia a gente ganha, dois dias a gente pena, dois dias a gente ganha de novo, dois dias a gente não ganha, mas assim eu vou me organizando E eu tenho meu companheiro que me ajuda também. Que eu já tô há 7 anos, né? **(Travesti)**



**43% tem
formação técnica
ou específica**

O papel das políticas públicas e das redes de apoio

“Não, eu vou! É o que eu preciso, é o que eu quero! Eu não estou mais afim de noite. Estou cansada disso, não foi o que eu escolhi. - É pra estudar? Eu vou estudar.” - E aí foi a maior complicação no primeiro momento, porque eu não tinha nada de documentação escolar, nada! - Tive que fazer as provas; fiz as provas; consegui passar; fiz o nono ano no CIEJA; depois disso fiz o meu ensino médio, ainda no Transcidadania, e quando estava no ensino médio (...) faço parte desse processo de seleção (...), que foi um dos mais difíceis, porque eram estereótipos diferentes, cores diferentes, identidades diferentes: eu fiquei! Eu consegui concluir meu ensino fundamental, meu ensino médio, entrei como a primeira estagiária transexual na Câmara Municipal de São Paulo em 2016. **(Mulher trans)**

[...] Ele muda a trajetória de vida desde o momento em que eu possa escolher se eu vou ou não pra rua hoje, mas eu sei que o aluguel do meu quartinho está pago no final do mês, porque eu vou receber minha bolsa do Transcidadania, né? – “Ah, o programa foi para tirar as travestis da rua?” - Nunca foi. - Nunca discutimos no programa da Transcidadania que as pessoas iriam deixar de fazer prostituição [...] nunca foi isso! A gente queria... Sempre teve o programa Transcidadania uma com possibilidade de concluir ensino fundamental ou ensino médio; de uma possibilidade de ter uma qualificação profissional; de uma possibilidade da retificação de prenome; de uma possibilidade de acessar hormonioterapia, né? [...] Era dar possibilidade de construir trajetórias de vida. **(Mulher trans)**

43% das travestis e 34% das mulheres trans trabalham como profissionais do sexo

Novos caminhos, sonhos e expectativas



Primeiro, eu quero fazer Radiologia. Eu quero entrar na área da medicina, assim, de pouco em pouco - porque o curso de medicina é muito caro, né? Mas eu trabalhando na área, eu consigo fazer, prestar um ENEM, fazer uns negócios que é para poder diminuir o preço e trabalhando na área, eu já vou trabalhando lá dentro, né? [...] E eu quero ser diferente, sabe? - Eu quero poder ser diferente. Eu gosto de trabalhar. Quando eu trabalho em algo que eu gosto, eu dou o meu sangue, dou a minha alma, entendeu? **(Homem Trans)**



Obrigada a todas as pessoas que responderam ao questionário ou foram entrevistadas para esta pesquisa. As suas vivências, trajetórias e experiências tornaram possível apresentar as suas formas de existir e resistir socialmente.

“



O olho vê
A lembrança revê
E a imaginação *transvê*
É preciso *transver* o mundo.

”

(Manoel de Barros)

